

A BOA NOVA

Amy Le Feuvre

ÍNDICE

Uma nova amizade

Uma conversa com o Capitão

“Tenho certeza de que tudo é verdade”

A carta de Eric

“Tenho tantas coisas para lhe dizer!”

A “boa nova” de Eric

A carta do pai

oOo

1

UMA NOVA AMIZADE

Tinha um rosto lindo, com os encaracolados e dourados cabelos, e os olhos azuis onde se lia determinação e vagos desejos. Sua face indicava uma saúde precária e muitas das pessoas que passavam olhavam compassivamente para a pequena figura que se recostava na cadeira, rodeada de almofadas.

Eric, porém, não reparava nelas. Tinha os olhos quase sempre fixos no mar que estava à sua frente e nem mesmo as alegres exclamações das crianças, que brincavam,

construindo e derrubando castelos de areia, pareciam prender-lhe a atenção.

A empregada estava atenta na leitura de quem cuidava e, depois de arrumar-lhe as almofadas e de levá-lo à sombra de uma rocha, tinha-se acomodado sobre umas pedras lisas que se viam à distância, disposta a uma hora de repouso.

- Gostaria de saber se ele está tão cansado quanto eu – disse, finalmente o pequeno, referindo-se ao mar.

Um senhor que estava descansando a alguns metros de distância levantou repentinamente sua cabeça, ao ouvir tais palavras.

- Seria bom se ele estivesse cansado, assim ficaria um pouco quieto – replicou ele.

Eric voltou para ele seus grandes olhos azuis.

- É bom ficar quieto, mas quando se está muito, mas muito cansado, então é impossível.

- Estou plenamente de acordo com você, pequeno. Falta-nos a força para resistir ao impulso que nos arrasta.

A criança conservou-se calada por algum tempo e, em seguida, acrescentou brandamente:

- Eu o vi ontem, adormecido. Estava muito quieto, respirando levemente e um pouco palpitante aqui junto à praia.

O homem sorriu e então iniciaram uma conversa tranquila, banal e que não se poderia esperar diferente entre dois caracteres tão diferentes.

- O mundo é aborrecido, não acha? – disse a criança, com uma gravidade própria de uma pessoa adulta. – Minha empregada diz isto constantemente e eu sou da mesma opinião que ela.

- Logo ela acaba para nós – observou o senhor, com um amargo sorriso.

- Sempre acontecem as mesmas coisas. ME verdade que há as surpresas, mas isso já acabou para mim.

- Há quanto tempo, menino?

- Desde que recebi o último brinquedo de Paris. Papai diz que não vai trazer-me outro porque não demonstrei gostar

dele. Acontece que eu não mostro apreciação por aquilo de que não gosto. Gosto é de surpresas, mas parece que não existem mais. É sempre tudo igual, não é mesmo?

- Sim, meu pequeno filósofo. Depois de nos acostumarmos às coisas, achamos que todas elas se parecem umas às outras.

- Hoje mesmo eu estava me perguntando se ainda verei alguma coisa fora do comum. O tempo custa tanto a passar quando nada de novo acontece!

- E o que você queria ver?

- Não sei. Só me contentaria com um caso imprevisível, como um acontecimento que me torne diferente do que eu sou. Gostaria de me sentir muito, mas muito bem disposto. Acho que o que eu desejo é ser feliz. E o senhor?

- Infelizmente, neste mundo não existe a perfeita felicidade.

- A minha empregada diz que sim, mas ela não é feliz. Creio que a felicidade só existe nos livros e nos sonhos.

-São fantasias e não realidades, mas parece-me que você ainda é muito novo para falar deste jeito.

- Houve tempo em que eu fui quase feliz. – E no olhar da criança apareceu uma luz suave, um clarão de alegria.

- Foi quando eu era bem pequeno e me levaram para um sítio no interior. Eu estava muito cansado e uma mulher me pegou no seu colo e me levou para uma espaçosa casa onde havia uma agradável cozinha.

“Era uma sala muito curiosa, com pratos e travessas arrumados junto às paredes e para o jantar havia maçãs assadas e carne de porco. Também havia ali um gato com um sininho no pescoço.

“Quando a minha empregada me disse que estava na hora e dormir, a tal mulher não quis que eu me deitasse ainda e, chegando-me junto a si, disse: Coitadinho, dá até dó ver uma criança tão novinha e já sem mãe!

“Ela era muito gorda e rechonchuda e eu fiquei sentado no colo dela durante toda a noite. Costumava contar-me histórias muito bonitas, como nunca mais ouvi contar, mas

papai me disse que não eram histórias verdadeiras. Ela disse que eram verdadeiras, mas eu agora já entendo melhor as coisas.

- Era a história do Gato de Botas e da Gata Borralheira, não é? – perguntou o senhor.

- Não, não eram estas histórias. Eram muito mais interessantes. Diziam respeito a um lugar lá em cima. – E os brancos dedinhos apontaram para o firmamento. – Esqueço-me dos pontos principais. Era uma espécie de país encantado, onde havia amor e felicidade, e entrava também um Homem admirável que desceu deste país para nós. Ela me disse que este Homem me amava muito, mas de tudo me esqueci e o papai me disse que não valia a pena ficar lembrando aquelas histórias e que só servem para entreter crianças.

Pelos lábios do homem passou um curioso sorriso. Ele tinha jeito de quem não vive sossegado e de quem não anda satisfeito, percebendo traços de um desmoronar de esperanças e de uma vida desregrada.

Embora relativamente novo na idade, já tinha a experiência de um velho, pois tinha vivido muito em pouco tempo. Por estar saciado com todos os prazeres do mundo e de estar descrente do amor, tinha chegado à conclusão que na vida não havia atrativo algum.

O homem olhou para aquele rosto inocente que tinha junto de si e, a seguir, para o inescrutável espaço.

-Não vale a pena lembrar-se! – murmurou ele. – Certamente, não vale a pena.

Durante algum tempo, ambos conservaram-se em silêncio e o pequeno estava com os olhos fitos naquele novo amigo, como que estudando-o.

- Gosto do senhor – disse, finalmente – porque mostra pelo jeito como fala, que compreende o que se passa comigo. Jacinta, a minha empregada, diz que eu nunca estou satisfeito devido aos mimos que me cercam e devido ao fato de ter tudo quanto preciso. O papai diz que é por eu ser doente e por não ser como as outras crianças, mas eu não

quero ser como os outros; eles são muito brutos e gostam de fazer barulho. Tudo o que eles fazem é violento. Não querem conversar comigo e, se alguma vez o fazem, acabam chamando-me de maluco e logo vão embora. O senhor acha que eu sou maluco?

- Os dois estamos em igualdade de condições, meu amigo! Os dois estamos cansados de viver, não é verdade? E aqueles que ainda encontram prazer na vida não podem compreender-nos.

- Eu desejava ser feliz – disse o pequeno com evidente sinceridade, virando seus olhos para o mar, - mas inteiramente feliz. Acha que um dia acabarei sendo?

O homem não respondeu e, neste momento, a empregada aproximou-se da criança de quem cuidava.

- Já está na hora de ir para casa, Eric – disse ela, olhando de soslaio para aquele que tinha estado conversando com o seu pequeno patrão.

O homem pôs-se em pé.

- É filho único? – perguntou ele, aproximando-se do menino doentio, cujo aspecto franzino contrastava com a forte musculatura do homem, em toda a pujança da vida.

- É, sim senhor. É filho único do senhor Edmundo Wallace, que é o dono de quase tudo isto por aqui.

E, proferindo estas palavras com uma certa dignidade, pôs-se a arrumar as almofadas e preparou-se para levar a cadeira de rodas, mas antes disse:

- O pai viajou para o estrangeiro, onde deve ficar mais uns dois meses, e o pequeno, coitado, sente-se muito só.

Eric, porém, abanou a loira cabecinha.

- Eu não sinto a falta dele. Estou sempre recebendo suas cartas. Gosto de ler suas cartas, mas o que gosto mesmo é de conversar. Estará aqui amanhã, senhor? Não sei como se chama.

- Sou o Capitão Graham – respondeu-lhe o homem rindo – Sim, é possível que amanhã nos encontremos aqui.

Despediram-se e o jovem Capitão, ao afastar-se, ia murmurando:

- Edmundo Wallace, o grande ateu! Estou quase inclinado a crer que a razão está do seu lado.

oOo

2

UMA CONVERSA COM O CAPITÃO

Na manhã seguinte, o estranho par estava novamente reunido e o homem, apesar de sua cínica indiferença por tudo quanto o rodeava, sentia-se interessado na curiosa conversa de Eric Wallace.

- Não há ninguém no mundo que seja capaz de subjugar o mar, não é? – perguntou o pequeno ao ver as furiosas ondas arremessando-se contra o quebra-mar e desfazendo-se em aguaceiro de branca espuma sobre tudo o que encontravam no caminho.

- Ninguém – replicou o amigo. – Conhece aquela história do rei que pôs sua cadeira na praia quando a maré estava subindo e ordenou às ondas que não avançassem mais?

- Que idiota!

- Ele queria dar uma lição aos seus súditos, pois que estes o tinham na conta de divino.

- O que vem a ser divino?

- É ter poder para tudo.

Esta resposta foi dada após uma certa hesitação.

- Gostaria de ser divino. Quer saber o que eu faria?

- Quero.

- Voaria lá para cima, para aquela nuvem branca, para longe de tudo e de todos. Ficaria deitado até ao pôr do sol e depois voaria direitinho para a glória.

- Que glória?

- O senhor já a tem visto. Por trás daqueles feixes de luz, uns dourados e outros vermelhos, todos eles lindos, deve haver alguma coisa. O senhor lê contos de fadas?

- Em outros tempos eu lia.

- O papai não quer que eu leia muitos livros. Ele diz que faz mal para a cabeça. Já estou aborrecido das fadas. De que livros o senhor gosta mais? Jacinta lê romances e papai lê obras científicas. E o senhor?

- Atualmente ando ocupado na leitura do livro da Natureza... e na leitura de sua pessoa.

- Mas isto é um disparate. Eu não sou nenhum livro que possa ser lido.

Neste momento, um incidente fez desviar a atenção de ambos. O cachorrinho de Eric, que sempre o acompanhava nos seus passeios à praia e que tinha estado brincando com outras crianças por perto, após um banho na praia, veio ter com seu dono, deixando a seus pés uns papéis esfarrapados e molhados.

- Meu querido Rex! – exclamou a criança, pegando nos referidos papéis. – Rex sempre me traz coisas que encontra no mar, mas ele sabe que eu não gosto que me traga sapatos velhos e outros objetos parecidos.

“Antigamente, ele me trazia qualquer coisa, mas agora já aprendeu a portar-se melhor. Isto que ele me trouxe agora são folhas de um livro de contos. Vou secá-las e depois as lerei, mas não diga nada à Jacinta. Agora que papai está ausente, não me deixa ler coisa alguma sem, primeiro, ela examinar. Diz que não quer perder o emprego por causa isto.

O pequeno estava estendendo as folhas cuidadosamente para secá-las ao sol, mas o Capitão as pegou, dizendo:

- Isto, provavelmente, não tem valor algum. Jogue-as fora.

Tendo, porém, olhado para elas, tornou a entregá-las a Eric, com um curioso sorriso, ao mesmo tempo que exclamava:

- Pelo menos, esta leitura não vai prejudicar você.

- Obrigado! Eu gosto de entreter-me lendo, quando a Jacinta me deixa para tratar do seu chá. Estar sempre conversando com o Rex me deixa enfadado e geralmente é ele que me acompanha. Por que será que os cachorros não falam, assim como nós?

- Nós somos a obra mais perfeita da Criação – respondeu gravemente o Capitão Graham.

- Acho que os cachorros não ficam tão enfadados como nós; pelo menos parecem estar sempre contentes. Não me importaria em ser um cachorro.

- Sem possuir uma alma?

Eric abriu muito seus olhos azuis.

- O que é uma alma? A cozinheira diz muitas vezes “pela salvação da minha alma” e, como um dia, eu lhe perguntei o que significavam aquelas palavras, ela me disse, rindo: “É o mesmo que se eu dissesse: Pela salvação do meu gato”.

“Eu não acreditei e fui perguntar ao papai e ele, então, disse que algumas pessoas criam na existência das almas, mas que a Ciência provaria... já não me lembro o quê. Ao que é que o senhor chama de alma?

- Estamos falando de coisas sérias demais. Quer mudar de assunto? Quando é que seu pai volta?

- Só daqui a muito tempo. O que é uma alma, Capitão Graham?

- Palavra que eu não sei. Creio que é alguma coisa que nos faz superiores aos animais. Não é que você é muito mais inteligente do que o Rex?

- Não. A diferença está só em eu poder falar e ler e ele não. Mas o pai da minha cozinheira não sabe ler e a Jacinta diz que há pessoas que nem podem falar. E não nos parecemos muito uns com os outros, não é?

O Capitão pôs-se a rir.

- Não nos parecemos muito, não, rapazinho – finalmente pode dizer.

- Certa ocasião, ouvi a irmã de Jacinta dizer a esta, quando as duas conversavam a meu respeito, se eu chegaria a ser homem ou não: Pobre pequeno! E, segundo as ideias do pai, devemos considerar a morte dele como se fosse a morte de um cachorro. Como é que os cachorros morrem, Capitão?

- Acabam assim como uma vela quando já não tem mais nada para arder, mas conosco, segundo dizem, o caso é diferente.

O Capitão sentia-se pouco à vontade sob o olhar indagador de Eric.

- Explique-me isto. Como é que nós morremos?

- O que seu pai diz a respeito?

- Ele não gosta de falar comigo acerca da morte, mas uma vez me disse que, quando a gente morre, adormece e nunca mais torna a acordar. É assim que acontece com os cachorros?

- Suponho que sim.

Houve uns momentos de silêncio, ambos tinham o olhar fixo no mar e meditavam.

Finalmente, Eric deu um profundo suspiro.

- Sinto-me um pouco cansado. Não sei porquê. O tempo corre muito vagorosamente e sempre está tudo na mesma, sem acontecer qualquer coisa que quebre a monotonia.

- Pelo que vejo, a vida não tem atrativo nenhum para nós dois.

Eric, em vez de responder, pôs-se a endireitar as folhas do livro.

- “O Evangelho segundo São Marcos”- leu ele em voz alta.

- Que título tão esquisito! O que significa “Evangelho”, senhor Capitão?

- Acho que quer dizer “Boa Nova”.

- O senhor acha que isto é uma história verdadeira?

- É.

- Já a leu?

- Já, quando eu era pequeno.

- É história só para crianças?

- Muitas pessoas adultas também a leem. O mar hoje está bravo, não é?

Eric pôs-se a contemplá-lo.

- Não acha que, às vezes, ele se zanga? Hoje ele está bem bravo e não há ninguém que tenha forças para acalmá-lo. Gostaria de ser uma pessoa que tivesse este poder. As ondas querem passar além do quebra-mar, mas não podem. Ora, aqui está uma coisa que as resiste. De nada lhes adianta

aquele grande estrondo que fazem, não é verdade? Não tiram vantagem nenhuma de sua impetuosidade.

- Creio que acham prazer nisso. “Vamos ver”, dizem elas, “se conseguimos virar aquele bote. É tão engraçado ver os homens lutando conosco! E depois vamos assustar aquelas crianças e destruir os castelos de areia que elas fazem. Se pudéssemos avançar um pouco mais e carregar toda esta gente que anda pela praia, que bonito seria!” Não acha, Eric, que elas nos carregariam com muito prazer?

- O senhor as considera muito cruéis. Logo se arrependeriam desta má ação e iriam procurar no sono o esquecimento. É quando estão dormindo sossegadamente que gosto mais delas.

O Capitão Graham foi no dia seguinte para a capital para tratar de uns negócios e só depois de alguns dias é que ele se encontrou novamente na praia com o inválido e a sua cadeira de rodas.

oOo

3

“TENHO CERTEZA DE QUE TUDO É VERDADE”

- Como vai, meu rapazinho? Hoje está com melhor aparência. Que lhe receitou o médico?

O rosto de Eric, realmente, tinha perdido a sua habitual expressão de desalento e via-se que ele estava dominado por qualquer alvoroço íntimo que ele procurava reprimir.

Ao estender sua mão para o Capitão, levou a outra aos lábios de modo significativo, olhando, ao mesmo tempo, para a empregada. E depois, com os olhos fitos no amigo, cuja robustez e aspecto admirara, perguntou-lhe:

- Gosta de mim, senhor Graham?

- Por que não haveria de gostar de você, seu maroto?

- Mas, diga-me, interessasse pela minha pessoa?

O Capitão pôs-se a rir à vontade.

- Mas que ideia é esta, Eric? – exclamou ele. – Eu vim aqui com o propósito de vê-lo. Sendo eu, como sou, bastante egoísta e um grande preguiçoso, isto dá uma ideia bem elevada de seu poder atrativo.

- Desejaria - disse, acariciando a mão de Graham, que ainda conservava presa, - que me tirasse da cadeira de rodas, me levasse para aquele rochedo ali e me assentasse nos seus joelhos, como o papai costumava fazer. Mas primeiro, avise a Jacinta, senão ela virá atrás de nós e eu quero conversar com o senhor muito em particular.

O Capitão tratou logo de satisfazer aquele pedido e, ao erguer no ar o frágil corpinho do menino, disse:

- Um sopro de vento seria suficiente para fazer você desaparecer, Eric.

- Peso pouco, não é? E agora – continuou ele, depois de instalado no lugar que indicara, - queira escutar-me com toda a atenção, porque não posso guardar para mim por mais tempo estas ideias que enchem minha cabeça. Estava com tanta vontade de tornar a vê-lo!

“Eu não quis dizer nada à Jacinta, que desconhece tudo o que se passa em mim, mas nós nos entendemos perfeitamente, não é verdade? O senhor não me considera triste, não é? Já sabe a que me refiro. Os dois somos infelizes, não achamos prazer em coisa nenhuma e o que eu queria é encontrar uma novidade, um caso diferente de todos aqueles que têm vindo ao nosso conhecimento.

- Exatamente, meu pequeno filósofo. Continue. Estou escutando.

Eric, com um novo brilho nos olhos e apresentando nas faces um vermelho mais vivo do que o habitual, tirou cuidadosamente do seu bolso uma coisa qualquer embrulhada em papel escuro. Depois de cuidadosamente ter desfeito o embrulho, expôs diante do Capitão Graham as poucas páginas do Novo Testamento que tinha levado consigo para casa.

- O senhor disse que esta história é verdadeira – disse a criança, movendo a cabeça, - e eu a acho extraordinária!

- Sim? Fico muito contente com isso.

- Mas, Capitão, o senhor já a leu? Que livro maravilhoso! E como era bondoso o Homem de quem se fala aqui! Chorei muito na noite passada, estando deitado, por não ter vivido no tempo em que Ele viveu. Oh, se isto tivesse acontecido! Se eu O tivesse visto! Li também muitas coisas que não compreendi e que queria que me explicasse. Não sei se sabe que Ele tinha poder para fazer tudo quanto quisesse! Imagine! Um dia Ele ia atravessar o mar em companhia de outros homens e, como se sentisse muito cansado, encostou a cabeça e adormeceu; as ondas cresciam cada vez mais e começou a entrar água no barco. Tal era o Seu cansaço, que Ele continuou dormindo, mas os Seus companheiros assustaram-se de tal maneira que O acordaram e Lhe perguntaram se Ele não se importava de que todos ali morressem afogados. E quer saber qual foi a Sua resposta? Levantou-se, olhou para o mar, viu as ondas furiosas, reparou que o barco estava em perigo de virar, deu ordem para que tudo se acalmasse imediatamente e tudo serenou! Não gostaria de estar presente nesta ocasião? E ainda não é tudo. Em outra ocasião, andou por cima da água, dirigindo-se ao barco onde estavam os Seus amigos, lutando com um grande temporal.

O rapaz tremia de entusiasmo e, olhando para o lado do mar, com a mão estendida, disse, como se falasse com o oceano:

- Ninguém pode dominar você agora, mas já houve quem fizesse você ficar sossegado. Eu gostaria de ver você subjugado pelos Seus pés. Ó, senhor Graham, por que é que nunca me falou deste prodigioso Homem?

- O seu pai tem razão. Você ficaria apenas um entusiasta e...

Graham fez uma pausa, mas Eric levantou os olhos, nos quais se lia sinceridade.

- Quem é Deus? – perguntou.

- Você está entrando num assunto que é profundo demais para você. É melhor você me entregar este livro e esquecer de tudo o que eu lhe disse.

O Capitão mostrava um certo descontentamento no semblante, ao passar os dedos pelos encaracolados e loiros cabelos do menino que estavam encostados ao seu ombro.

- Esquecer! Seria bom se eu pudesse. E tenho a convicção de que tudo é verdade! O senhor também me afirmou o mesmo.

- Sim? Não me lembro de ter dito.

- É ou não é verdadeira aquela história?

A expressão de inocente confiança que se lia no olhar do pequeno fez com que o Capitão não dissesse a negativa que lhe tinha vindo aos lábios. Ainda existia no seu coração, embora a pequena fé que possuía tivesse estado a ponto de se extinguir por completo por causa da aceitação das dúvidas que o tinham assaltado, a recordação daquilo que uma mãe devota lhe havia ensinado e dos dias, há muitos já passados, em que ele escutara aquelas mesmas histórias que agora despertavam a atenção da criança que tinha nos joelhos.

- Seria interessante observar a influência produzida nela pelas doutrinas bíblicas – murmurou ele, acrescentando depois em voz alta: - Para aqueles que não tenham dificuldade em aceitá-la, não se pode dizer que não seja verdadeira.

- Quem é então Deus, senhor Graham? O livro diz que o Homem era Seu Filho.

- Foi Deus quem criou o mundo - disse o Capitão com relutância. – Fez tudo quando vemos e, segundo afirmam, tem tudo ainda debaixo do Seu poder, embora seja invisível para nós.

- Ele está vivo em algum lugar? – perguntou a criança.

- Não pode morrer nunca.

- Onde Ele está?

- Crê-se que está em toda parte.

- Não posso compreender. Onde é o céu? É ali em cima, no espaço? O livro diz que Jesus foi “recebido em cima no

céu, à mão direita de Deus”; certa ocasião, ouvi alguém dizer que era uma grane coisa que houvesse céu lá em cima e pedi explicações a este respeito a meu pai, mas ele respondeu-me que céu e firmamento significam a mesma coisa. Preciso saber tantas coisas! Diga-me tudo, peço-lhe! Crê que Jesus ainda está vivo? Hoje, por exemplo, neste momento? O que se passou com Ele foi, deveras, extraordinário! Foi morto e como é triste a história da Sua morte! Quando a li, comecei a chorar porque ainda não sabia o que aconteceu depois. Depois de O terem enterrado, apareceu outra vez vivo e, se dependesse da minha vontade, com certeza que nunca mais tornaria a morrer. Ele ainda está vivo? E esta história foi escrita há muito tempo?

- Você deve fazer uma pergunta por vez, meu rapazinho. Como você está excitado! Está tremendo inteirinho. Olhe, vamos mudar de conversa. Está bom? Não há nada neste mundo que se deva tomar a peito desta maneira.

- Mas aquilo de que estamos tratando não pertence a este mundo e é por isso que estou interessado em saber tudo. Há algum mundo, além deste? E como podemos ir para lá? Jesus está lá? Diga-me, se sabe, por favor.

Eric passou rapidamente a pequenina mão pelos olhos, mas não pôde esconder as lágrimas que corriam deles em abundância e Graham começou a compenetrar-se de que a criança tinha o espírito profundamente abalado e de que, portanto, se tratava de um caso muito sério.

- Vou contar-lhe o que a mim me contaram, meu rapaz – disse ele: Ouça!

Vagarosamente e interrompendo-se a miúdo, mas animado, por assim dizer, pela expressão do ardente desejo e intensa expectativa que lia nos olhos que se conservavam fixos nele, o Capitão Graham contou à criança a velha e doce história de Cristo.

Disse-lhe primeiro algumas palavras a respeito da Criação, passou em seguida a expor como o pecado entrou no Jardim do Édem e o deixou ciente do plano de salvação e da vida futura que aguarda as almas crentes.

Eric interrompia-o de vez em quando com ansiosas perguntas que o obrigavam a explicar as coisas mais claramente.

O tempo passou com rapidez e daí a pouco Jacinta, a empregada, apareceu em cena.

- Este senhor é muito bondoso para se incomodar tanto com você, Eric. É muito estranho – acrescentou ela, dirigindo-se agora ao Capitão: - Ele afeiçoou-se assim a uma pessoas estranha. Ele é muito fechado.

- Nos encontraremos novamente amanhã, senhor? – perguntou Eric.

- Talvez.

- Tenho a cabeça tão cheia que agora preciso pensar um bocado. Mas ainda há muitas outras coisas que quero que me explique.

- Cuidado para que esta cabecinha não estoure. Acho que os miolos que tem lá dentro agora cresceram muito.

Enquanto o inválido se afastava, carregado em sua cadeira, o Capitão Graham dizia consigo mesmo, rindo:

- Acho que há por aí muita gente que ficaria um tanto admirada se me ouvisse falar como falei esta tarde! Talvez não fizesse mal se me dedicasse à pregação. Para mim seria uma novidade.

oOo

4

A CARTA DE ERIC

Quando se encontraram novamente, o rosto de Eric indicava terem acontecido fatos de grande importância.

- Tenho aqui uma coisa para lhe dar - exclamou. -Desejo que ponha esta carta num envelope e a ponha no correio.

- Uma carta?

- Sim, mas leia-a primeiro porque pode ser que tenha alguns erros.

Muito cuidadosa e solenemente, o pequeno tirou do seu bolso uma carta e a pôs na mão do amigo, conservando sempre uma atitude grave e fazendo um estudo da fisionomia do amigo enquanto este lia a carta.

Se o conteúdo da mesma produziu qualquer impressão extraordinária no Capitão, este não a deixou transparecer. Começou por torcer as pontas do bigode e, ao ver a quem estava endereçada, erguei suas sobranceiras, mas, à medida que ia lendo, o seu rosto ia tomando uma expressão mais suave e foi quase reverentemente que dobrou a pequena epístola escrita numa letra tremida, uma letra de criança.

Eis o conteúdo da carta:

“Para

Jesus Cristo, o Filho de Deus:

Querido Jesus:

Tenho muita alegria em escrever-Lhe esta carta para dizer-Lhe que O amo. Gostaria de poder conhecê-LO há mais tempo, mas estou muito contente em saber que ainda está vivo.

Desejaria ser uma daquelas criancinhas que tomou sobre os Seus joelhos. Quero fazer-Lhe uma pergunta: Vai-me permitir subir ao céu para vê-LO? Eu não sei onde é, mas talvez possa mandar alguém para me buscar. Gostaria muito de ir. O meu amigo, o Capitão Graham, diz que o Senhor morreu para salvar os pecadores. Eu não sei o que é um pecador, mas vou informar-me melhor com ele.

Para mim, foi uma grande malvadeza O matarem, mas não conseguiram que ficasse morto, o que para mim é motivo de grande alegria. Espero que responda esta carta e me diga se a recebeu e se é possível que eu O veja brevemente.

Afetuosamente,

Eric Wallace”

- Acha que está bem? – interrogou a criança. – Poderá enviá-la ao seu destino?

- Não, meu filho, não me é possível. Onde você tinha sua inteligente cabecinha quando lhe acudiu esta ideia? Como quer fazer esta carta chegar às mãos de Jesus Cristo?

Os lábios de Eric tremeram.

- Pensei – balbuciou – que talvez a pudéssemos enviar pelo Correio ou dentro de um balão ou..., bem da melhor maneira que o senhor achar. Deve haver forçosamente um caminho para o céu. Eu quero que Ele receba esta minha carta – acrescentou, tentando abafar um soluço.

Graham, que tinha a criança sentada no seu colo, puxou-a para si, fez-lhe descansar a cabeça no seu ombro e lhe disse meigamente:

- Não chore, Eric. Não precisa escrever cartas para Jesus. Faça as suas orações, que é a mesma coisa.

- O que são orações? – perguntou o pobre pequeno entre soluços.

- Eu queria dizer que você pode conversar com Ele da mesma maneira que está conversando comigo. Ele vai ouvir tudo quanto Lhe disser. Ele é Deus, como você bem sabe, e Deus é espírito. Ele está aqui, junto de nós, embora não O possamos ver e, se Lhe dirigir qualquer palavra, Ele ouvirá você imediatamente.

- Assim como as fadas? – e Eric levantou os olhos úmidos, manifestando novamente neles a esperança.

- As fadas! Então você acredita nelas? Você é uma criancinha que dá para pensar. Acredita em tudo quanto lê?

- Umás vezes acredito nas fadas, mas outras não e são sempre pessoas de pouco juízo, não acha? Mas não falemos agora em fadas. É verdade que Jesus me ouve todas as vezes que eu desejar falar com Ele? Isto é verdade?

- Sim, estou certo que Ele ouve.

Eric manteve-se silencioso durante coisa de um minuto e os seus olhos voltaram-se, então, para a carta.

- Não serviu para nada eu escrever esta carta – disse ele com tristeza. – O melhor é rasgar a carta.

Graham desdobrou-a e começou a lê-la novamente, sem saber se devia rir ou encarar o fato como digno de compaixão,

mas naquele instante levantou-se um pé de vento que lhe arrancou das mãos o papel, fazendo-o mover-se vertiginosamente no ar e levando-o em triunfo para muito longe, até dar a volta ao rochedo e perder-se de vista.

Eric, com os lábios, acompanhou a carta, excitado. Em seguida, disse muito baixinho e num tom solene:

- Deus disse ao vento que a levasse para junto dEle. É porque quer ver o que ela diz, não é verdade?

- Parece que sim - disse Graham.

- Estou muito satisfeito porque eu levei bastante tempo para escrevê-la. Agora, diga-me o que vem a ser um pecador.

- É qualquer pessoa que peca, que pratica ações más, que é perversa. O pecado é tudo aquilo que não se deve fazer.

- A Jacinta diz que não devemos mentir e nem esconder as coisas. E então eu sou um pecador porque escondi dela a história de Jesus. Acha que fiz o que não devia fazer?

- Acho.

- O senhor é pecador? Quero dizer, foi pecador quando era pequeno como eu?

- Todos nós somos pecadores, Eric. Creio que quanto mais idade o homem tem, mais pecador é. Sim, eu sou um grande pecador.

- Que bom! – exclamou alegremente Eric. – Nesse caso, Jesus morreu por mim e pelo senhor. Não sei ao certo o que isto significa, mas, com certeza, é uma coisa muito boa, não é? Diga-me outra vez porque foi que Ele morreu.

- Francamente, não sei dizer-lhe. O livro explica isso tudo.

- É um pouco difícil de compreender, mas o senhor referiu-se ontem a este ponto. Torne a contar-me.

- O que suponho é que, se Ele não tivesse morrido, nós não poderíamos entrar no céu, mas agora podemos.

- E quando é que podemos entrar lá?

- Quando morremos.

- Mas tenho ouvido dizer que as pessoas mortas são enterradas.

- O que se enterra são os corpos. Temos, segundo dizem, a alma, que abandona o corpo quando esse morre. A alma é que vai para o céu.

- Que belo é isto! – exclamou Eric, com os olhos brilhando. – E diga-me, como é o céu?

- Não sei – respondeu o Capitão, sentindo-se meio inclinado a gracejar. – Nunca estive lá e nem você.

- Mas ontem me falou muito dele.

- Disse-lhe somente o que está na Bíblia.

- A Bíblia? Foi esse livro que papai me disse que não devia ser lido por crianças. Vamos, fale-me do céu.

- É uma espécie de país de fadas. Todos ali são bons e gozam de felicidade. Ali não há nada que não seja perfeito. Não há desgostos, nem contas a pagar, nem zombarias, nem hipocrisias, nem falsas aparências. Não há ali nada que possa perturbar a alegria.

- E Jesus está lá? –interrompeu com doçura a criança. – A Sua presença é que é o principal. Se Ele me tomasse em Seus braços, eu seria feliz, feliz para sempre. Acha que Ele o fará?

- Não vejo porque não o faça.

- Mas por que é que não poderíamos ir para o céu se Jesus não tivesse morrido? É isso que eu não compreendo.

- Deus não permitia que um pecador entrasse no céu. Ele disse que tínhamos de ser castigados por causa do pecado e o castigo era ficarmos eternamente separados dEle. Foi então que Jesus Cristo, que não era um pecador, se prontificou a receber o castigo em nosso lugar.

“Desceu do céu e aqui viveu uma vida pura para nos mostrar como devíamos viver. Quando morreu, tinha sobre Si, segundo se crê, todos os nossos pecados e foi por este motivo que Deus os perdoou.

- E agora nós dois vamos para o céu?

- Não posso garantir-lhe isto.

- Mas o senhor disse que somos pecadores. Não é verdade?

- Dizem que um grande número de pecadores não vai poder entrar no céu.

- Por que?

- Eu pouco sei falar destas coisas, meu rapazinho. Não acha que já conversamos bastante sobre isto?

- Mas – objetou Eric, deixando pender um pouco o lábio inferior, - eu não quero ficar fora do céu e não percebo o que quer dizer com aquelas palavras. O senhor disse que Jesus tinha morrido para que nós fôssemos para o céu. O que é, então, que nos impede de entrar lá?

- Você, com certeza, vai para lá.

- E o senhor também, não é?

- Se eu quisesse ir lá creio que não haveria dúvida sobre isso.

- E então não quer ir lá?

- Ainda não pensei no caso.

Eric ficou admirado, mas depositava muita confiança no seu amigo e estava certo de que, se algumas vezes não entendia bem o sentido de suas palavras, era por ele já ter uma certa idade e saber muitas coisas.

- O médico vem ver-me amanhã – disse ele, depois de uma pausa. – Vem de dois em dois meses para fazer-me uma visita. Assim, amanhã de manhã não me encontrará aqui. Ele é muito boa pessoa, mas costuma apalpar-me e bater-me com os nós dos dedos por todo o corpo. Quando vai embora, diz: “É preciso ver se se mexe, meu pequeno!” Como se ele já não tivesse mexido bastante com todas as suas apalpadelas e safanões!

- E qual é a sua opinião sobre o seu estado?

- Ele disse uma ocasião ao papai que não havia razão alguma para que eu não me curasse e viesse a ser no futuro um homem forte. Disse também que seria bom para mim certas distrações e o papai me levou no seu iate e foi mostrar-me muitas terras, mas nem por isto a viagem me fez melhorar e me cansei dela antes de estarmos no meio.

- Você é difícil de contentar, pequeno.

- Para agora me sentir satisfeítíssimo, basta-me compreender melhor o que está escrito no Evangelho, na Boa Nova.

Eric esteve muito tempo sem ver o seu amigo. O tempo tornou-se tempestuoso e na praia só apareciam aqueles que se consideravam à prova de vento e de chuva.

O Capitão Graham estava impaciente nos confortáveis aposentos que ocupava no Grande Hotel.

- Já estou aqui há muito tempo – murmurou ele. – A minha licença está quase no fim. Prefiro trabalhar, seja no que for, do que estar aqui sem fazer nada, e, no entanto, custa-me separar-me dos amigos que aqui tenho. Já estou meio decidido a pedir minha demissão, mas depois em que ocuparei o meu tempo?

“Não sei realmente o que me segura aqui, a não ser aquela criança. A história dela é bem digna de aparecer num livro. Creio que, na sua opinião, o morrer seria uma ventura, mas parece que ultimamente adquiriu uma nova vida. Faço ideia da ira do pai quando voltar e descobrir o assunto que lhe ocupa os pensamentos. Será que vão me convidar para ser professor?

Era uma ideia tão absurda esta que o Capitão Graham não pôde deixar de rir com todo o gosto. A sua alegria, porém, era apenas superficial e aquela explosão de riso foi logo seguida de um profundo suspiro.

oOo

5

“TENHO TANTAS COISAS PARA LHE DIZER”

“Meu querido amigo:

Peço-lhe que venha visitar-me. A Jacinta me disse que o senhor não vai dar-se este incômodo, mas eu não sou dessa opinião. Não posso sair por causa da chuva. Estou muito contente e já escrevi ao papai, contado-lhe a razão. A Jacinta

tem ficado muito zangada comigo, mas diz que a sua zanga é por saber quanto o papai também vai ficar zangado. Eu não sei o que ela quer dizer com isso e desejo que me explique. Venha depressa, sim? O doutor teve uma grande conversa comigo.

Seu amigo

Eric”

Este bilhetinho foi entregue ao Capitão